

# A CATEGORIA DA PARTICULARIDADE COMO MEDIAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DE GYÖRGY LUKÁCS

Gisele Masson<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar as análises de György Lukács sobre a categoria da particularidade, na sua relação dialética com a universalidade e a singularidade. Trata-se de resultado de estudo teórico acerca da obra do autor, o qual visa explicitar as contribuições da teoria marxista na superação de perspectivas analíticas que supervalorizam ou subestimam a singularidade e a universalidade, assim como daquelas que realizam reducionismos mecanicistas, por desconsiderarem as complexas mediações dialéticas. A busca por suplantá-las, tanto as generalizações teóricas abstratas, quanto as simplificações, na produção do conhecimento, encontra, na teoria da objetividade do autor húngaro, a ampliação dos fundamentos marxianos sobre a unidade contraditória entre fenômeno e essência. O *tertium datur* lukacsiano entre a totalidade abstrata e a imediaticidade fragmentada contribui para destacar a necessária apreensão dialética das mediações complexas para a adequada direção da ação humana. O esforço do autor é direcionado para a superação da fetichização empirista, que apaga as contradições mais profundas do ser-propriadamente-assim e seu vínculo com as legalidades fundamentais, assim como a fetichização da razão. Nesse sentido, a singularidade, a particularidade e a universalidade são entendidas como categorias lógicas que possuem uma gênese ontológica, por isso, tanto a teoria científica, quanto a teoria estética têm o mesmo referente objetivo, representando, ao mesmo tempo, uma relação de unidade e distinção.

---

<sup>1</sup>Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

**Palavras-chave:** teoria marxista; produção do conhecimento; universalidade-particularidade-singularidade; mediação.

## THE CATEGORY OF PARTICULARITY AS MEDIATION FOR THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE: CONTRIBUTIONS OF GYÖRGY LUKÁCS

### ABSTRACT

The article aims to present the analyzes of György Lukács on the category of particularity, in its dialectical relation with universality and singularity. This is the result of a theoretical study about the author's work, which aims to make explicit the contributions of Marxist theory in overcoming analytical perspectives that overestimate or underestimate singularity and universality, as well as those that perform mechanistic reductions, for disregarding the complex dialectical mediations. The quest to supplant both abstract theoretical generalizations and simplifications in the production of knowledge finds in the theory of the objectivity of the Hungarian author the extension of the Marxian foundations on the contradictory unity between phenomena and essence. The lukacsian *tertium datur* between abstract totality and fragmented immediacy contributes to highlight the necessary dialectical apprehension of complex mediations for the proper direction of human action. The author's effort is directed toward overcoming the empiricist fetishization, which erases the deeper contradictions of being-properly-so and its link to fundamental legalities, as well as the fetishization of reason. In this sense, singularity, particularity and universality are understood as logical categories that have an ontological genesis, therefore, both scientific theory and aesthetic theory have the same objective referent, representing at the same time a relation of unity and distinction.

**Keywords:** Marxist theory; production of knowledge; universality-particularity-singularity; mediation.

### Introdução

O presente artigo apresenta as contribuições do filósofo húngaro<sup>2</sup>, György Lukács, especialmente a partir do livro *Introdução a uma estética*

---

<sup>2</sup> Para o acesso à biografia do autor, indicamos a obra *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo*. (LUKÁCS, 1999).

*marxista: sobre a categoria da particularidade*, e do capítulo intitulado *A categoria da particularidade*, da obra *Estética: La peculiaridad de lo estético*. Destacamos, neste texto, a importância da categoria particularidade como mediação entre a universalidade e a singularidade, nas suas relações dialéticas recíprocas, entendidas como determinações da realidade e fundamentais para o conhecimento humano e para a direção adequada do trabalho e das práxis sociais.

Mészáros (2013) destaca que o livro *Introdução a uma estética marxista*<sup>3</sup> foi planejado como introdução à obra *Estética*, mas foi publicado à parte. Nesse sentido, abordaremos essas obras, por considerarmos que as discussões se complementam acerca da análise da categoria da particularidade na produção do conhecimento. Embora o foco de Lukács seja a abordagem do particular como categoria central da estética, o autor trata disso em conexão com o processo de produção do conhecimento científico e filosófico, aspecto que nos interessa abordar neste texto.

Inicialmente, apresentamos, de forma sucinta, antecedentes históricos acerca da discussão filosófica sobre a categoria da particularidade. Posteriormente, analisamos as contribuições de Lukács sobre a mediação do particular, na relação entre singular e universal, no processo de produção de conhecimento. Por fim, nas considerações finais, destacamos a síntese do debate realizado pelo autor sobre tais categorias, entendidas como reflexo da realidade objetiva.

### ***Desenvolvimento histórico-filosófico da categoria particularidade***

A preocupação acerca das relações entre as categorias da universalidade, particularidade e singularidade não é recente. Lukács afirma que Lênin já havia chamado a atenção sobre a preocupação de Aristóteles

---

<sup>3</sup> Essa obra foi publicada pela primeira vez, na Itália, em 1957, constituindo-se como um prólogo indispensável para a compreensão da *Estética*.

sobre a autonomização do universal, especialmente pela ênfase gnosiológica dada por Platão para a universalidade. Além disso, no período medieval, em oposição ao realismo conceitual de Platão, a tendência nominalista da escolástica<sup>4</sup> realiza uma subjetivação do universal, pois o considera apenas como conteúdo da mente. (LUKÁCS, 1978).

No entanto, essa problemática somente aparece como interesse filosófico central na medida em que o conhecimento científico não se limitou mais à matemática, à física, ou à química. Assim, é com a ideia de evolução, na biologia, no contexto histórico da modernidade, que a questão da particularidade ganha centralidade nas ciências sociais. Lukács destaca que a obra *Crítica do Juízo*, de Kant, é a primeira que trata do problema da particularidade<sup>5</sup>. Segundo esse autor,

a faculdade de julgar é a faculdade de conceber o particular contido no universal. Se o universal for dado (a regra, o princípio, a lei), a faculdade de julgar, que subsume o particular no universal [...], é *determinante*; mas se o dado é só o particular, e para isso seja necessário encontrar o universal, a faculdade de julgar é apenas *reflexionante*. (KANT, 2009, p. 24).

O juízo seria determinante na passagem do universal ao particular, em que a aplicação do imperativo categórico, em casos particulares ou singulares, evidencia o caráter abstrato do universal. O idealismo subjetivo de Kant, expresso no juízo reflexivo, indicou os limites da cognoscibilidade do mundo objetivo. (LUKÁCS, 1978).

Na visão de Lukács (1978, p. 37), Hegel foi, de fato, “[...] o primeiro pensador a colocar no centro da lógica a questão das relações entre singularidade, particularidade e universalidade [...].” Para esse autor, o particular não é um estado intermediário estável entre o universal e o singular, pois essas categorias são consideradas tanto como processo quanto

<sup>4</sup> Lukács se refere ao escolasticismo, o qual foi um método de pensamento dominante nas universidades medievais europeias, especialmente entre os séculos XI e XIV.

<sup>5</sup> Lukács destaca que Goethe, com seu materialismo espontâneo, foi pioneiro na descoberta da particularidade na estética e que estudou a fundo a *Crítica do Juízo*, de Kant.

como resultado, estando todas em um mesmo nível da realidade. A determinação, para Hegel, é o caminho do universal ao particular, subvalorizando, com seu idealismo objetivo, a importância do dado sensível para o pensamento.

Hegel (2017, p. 240, grifos do autor) considera que

[...] o universal é somente idêntico consigo, enquanto contém dentro de si a *determinidade* como *suprassumida*, sendo assim o negativo como negativo, ele é a *mesma negatividade* que é a singularidade; - e a singularidade, porque ela é igualmente o determinado-determinado, o negativo como negativo, é imediatamente a *mesma identidade* que é a *universalidade*. Esta identidade *simples* delas é a *particularidade* que, em unidade imediata, contém o momento da *determinidade* do singular e o momento da *reflexão dentro de si* do universal.

Em Hegel, o universal é a totalidade e o início de sua diversidade, a qual é determinada por ele mesmo. Lukács (1978, p. 70) explica que, com a mediação da particularidade, ocorre o movimento “[...] da universalidade abstrata à concreta, a universalidade inferior à superior, o que torna a universalidade precedente numa particularidade, bem como da singularidade puramente imediata à mediatizada, etc.”

Assim, pela primeira vez na lógica, a particularidade se coloca como mediação entre singularidade e universalidade. *A Ciência da Lógica*, de Hegel, dá expressão conceitual para a vinculação entre essas categorias, estabelecendo relações entre lógica e história. Lukács reconhece a contribuição hegeliana, especialmente em comparação com os limites da interpretação dada pela lógica pré-dialética.

No entanto, a teoria do conhecimento de Hegel não representa uma teoria do reflexo, embora ele buscasse o reflexo da realidade objetiva. É nesse sentido, segundo Lukács (1978), que Hegel apresenta imagens corretas ao lado de outras distorcidas, especialmente na sua lógica dialética, em que o real é resultado do automovimento do pensamento, levando às categorias teóricas ao primeiro plano, como formas lógicas que se aplicam à realidade. Isso

porque o particular, em muitas situações, apresenta-se, na concepção hegeliana, como universal. Se tomarmos como exemplificação a ideia de que a sociedade é o universal, a classe o particular, e o indivíduo o singular, veremos que Hegel destaca o modo de produção, forjado pela burguesia, como universal, ou seja, como expressão da coletividade.

Isso porque, na perspectiva analítica de Lukács (1978, p. 53), “[...] a historicidade da dialética histórica hegeliana refere-se tão somente ao caminho que leva do passado ao presente, e não àquele em direção ao futuro.” Assim, Hegel “[...] interpreta o novo com os princípios do velho, ao invés de utilizar os princípios do novo para uma autêntica crítica do velho.” (p. 79). Essa forma de interpretar o levou às pseudouniversalidades e às pseudoparticularidades, foco da crítica marxiana ao sistema hegeliano, especialmente pelo fato de Marx considerar que o modo capitalista de produção é de tipo particular, o qual foi definido pelo desenvolvimento histórico. Assim, diferentemente de Hegel, ele não tem um caráter universal, porque, como qualquer outro modo de produção, pode ser superado, daí seu caráter específico, histórico e transitório.

Os limites acerca da interpretação do papel da categoria da particularidade levaram a crítica dialético-materialista à problemática da relação entre universalidade, particularidade e singularidade. Mészáros (2013, p. 57) destaca que “as categorias centrais da dialética de Lukács são os conceitos intimamente inter-relacionados de ‘totalidade’ e ‘mediação’.” Isso porque ele busca superar a fragmentação teórico-intelectual, por meio da apreensão dialética das complexas mediações que estruturam a totalidade social, entendida por Lukács como um “complexo de complexos”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Essa discussão é abordada na obra *Para uma ontologia do ser social II*. (LUKÁCS, 2013). Para o autor, a totalidade social é composta de vários complexos sociais, os quais são entendidos como mediações que o ser social desenvolveu a partir do complexo do trabalho. Tais mediações são pores socioteleológicos porque envolvem o intercâmbio social entre os homens, como a linguagem, a cooperação, a educação, dentre outros, os quais estão numa relação de coexistência dialética.

A análise de Mészáros (2013, p. 58) é significativamente elucidativa acerca da importância da mediação para o conhecimento da totalidade social:

[...] ‘totalidade social’ sem ‘mediação’ é como ‘liberdade sem igualdade’: um postulado abstrato – e vazio. A ‘totalidade social’ existe por e nessas mediações multiformes, por meio das quais os complexos específicos – isto é, as ‘totalidades parciais’ – se ligam uns aos outros em um complexo dinâmico geral que se altera e modifica o tempo todo.

O autor chama a atenção para o fato de que “o culto direto da totalidade, a mistificação da totalidade como imediaticidade”, produz um mito, como foi o caso do nazismo; assim como “o culto da imediaticidade e a negação da totalidade” produz a fragmentação desorientadora, levando à aceitação de nossas condições de vida pela lógica da insignificância de nossas ações. É por esse motivo que Lukács rejeita esses extremos. (MESZÁROS, 2013, p. 58).

Segundo Mészáros (2013, p. 61), o encontro de Lukács com o marxismo o levou ao debate sobre o problema da imediaticidade-mediações-totalidade; além disso, “[...] esclareceu o fato de que a ligação intermediária crucial de todos os fenômenos humanos é a ‘atividade prático-crítica’ do homem, com sua referência final – uma referência ‘em última análise’ – à esfera da economia.” Todavia, é fundamental enfatizar que, “[...] na concepção de Lukács, o papel da economia, longe de ser mecânico e unilateralmente determinista, é dialeticamente ativo: é-lhe conferido o papel de sistema de referência estrutural e metodologicamente último”. (p. 61)

Isso quer dizer que a economia é o “determinante último”, mas é um “determinante determinado” porque não pode existir fora do complexo mutável das mediações concretas. (MÉSZÁROS, 2013).

É nesse sentido que as contribuições de Lukács sobre a importância da categoria da particularidade, como mediação no processo de conhecimento, para a compreensão da realidade social e para a intervenção prática, são fundamentais no contexto da produção marxista.

Essa breve apresentação, sem a pretensão de aprofundamento, foi realizada com o objetivo de situar o ponto de partida da análise lukacsiana acerca do particular, do ponto de vista da concepção materialista histórico-dialética. Sendo assim, apresentaremos, na seção seguinte, como essa questão é abordada por Lukács na *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade* e no texto *A categoria da particularidade*, da obra *Estética*. Nesses textos, Lukács apresenta análises fundamentais seja para o campo da epistemologia, da ontologia e da história.

### ***A mediação do particular na relação entre singular e universal: contribuições no processo de produção do conhecimento***

A análise de Lukács sobre a questão da particularidade tem como ponto de partida as contribuições da crítica de Marx ao idealismo hegeliano, a qual destaca que a essência das categorias é o fato de que elas são reflexos da realidade, ou seja, elas possuem concreticidade, no entanto, não representam um espelhamento fidedigno do real. Essa questão foi amplamente abordada por Lukács na obra *Para uma ontologia do ser social*<sup>7</sup>, em que o autor destaca que o reflexo deve ser entendido no quadro ontológico-histórico, o que significa dizer que a realidade é reproduzida na consciência, no entanto, não é uma reprodução idêntica. Assim, de acordo com o autor,

---

<sup>7</sup> A *Ontologia* teve sua redação finalizada, provavelmente, em 1968, e foi redigida em alemão, com publicação integral em húngaro somente em 1976. No mesmo ano, foi publicada a primeira parte em italiano e, em 1984, ocorreu a publicação da edição integral em alemão. (NETTO, 2012). Considera-se que essa obra póstuma (Lukács faleceu em 1971), seria a introdução à sua *Ética*, a qual nunca foi escrita, apesar de estar no projeto filosófico de Lukács até o fim de seus dias. Segundo Oldrini (2017), apesar da cronologia da sucessão entre *Estética* e *Ontologia*, ao considerarmos a *Estética*, a partir dos resultados alcançados, pelo autor, na *Ontologia*, é possível inverter essa ordem. Isso porque “a ordem cronológica sucessiva da redação das duas obras contradiz a ordem lógica das suas relações internas. A concepção de arte como a que Lukács está elaborando na *Estética* pressupõe a existência – mesmo que apenas latente, ali não levada até o fim com toda clareza – de uma ontologia social que a sustenta, justifica-a e a engloba.” (OLDRINI, 2017, p. 248).

[...] o espelhamento tem uma natureza peculiar contraditória: por um lado, ele é o exato oposto de qualquer ser, precisamente porque ele é espelhamento, não é ser; por outro lado, e ao mesmo tempo, é o veículo através do qual surgem novas objetividades no ser social, para a reprodução deste no mesmo nível ou em um nível mais alto. (LUKÁCS, 2013, p. 67).

É nessa perspectiva que o espelhamento objetivo é fundamental para a intervenção humana na realidade, pois quanto mais adequado, do ponto de vista científico, maior a probabilidade de êxito no pôr teleológico do trabalho ou das práxis sociais. Assim, a concepção materialista histórico-dialética do reflexo se diferencia da abordagem mecanicista, por não entender o espelhamento como uma fixação fotograficamente adequada da realidade.

O espelhamento dialético da realidade objetiva requer a apreensão dos nexos causais que configuram a realidade, fazendo avançar o conhecimento científico. No entanto, isso representa sempre um conhecimento aproximado do real, considerando a sua complexidade e movimento histórico.

Nesse processo de apreensão objetiva da realidade, pelo conhecimento, é fundamental a contribuição lukacsiana sobre a categoria particularidade. Lukács (1978, p. 93) enfatiza que “[...] a dialética de universal e particular na sociedade tem uma função de grande monta; o particular representa aqui, precisamente, a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade.”

É importante destacar que essa relação está presente em toda a estrutura metodológica da obra de Marx. Desse modo, os caminhos para o conhecimento são reflexos do processo de desenvolvimento objetivo, em oposição ao entendimento hegeliano de que a objetividade existe no pensamento, no espírito, interpretando o singular como um grau inferior da realidade.

Dessa maneira, “quanto mais autêntica e profundamente os nexos da realidade, suas leis, e contradições, vierem concebidos – de um modo aproximativamente adequado – sob a forma da universalidade, tanto mais

concreta, dúctil e exatamente poderá ser compreendido também o singular.” (LUKÁCS, 1978, p. 104).

Nessa perspectiva, não se trata de conceber o singular na sua imediaticidade, de modo sensualista, com fez Feuerbach, por exemplo. Marx e Engels (2007, p. 27), nas Teses sobre Feuerbach destacaram que

o principal defeito de todo materialismo até aqui (o de Feuerbach incluído) consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sob a forma do *objeto* (*Objekt*) ou da *contemplação* (*Anschauung*); mas não na condição de *atividade humana sensível*, de *práxis*, não subjetivamente.

Seguindo essa análise, Lukács reforça que o singular somente pode ser adequadamente conhecido quanto mais forem consideradas as suas mediações com o universal. O autor esclarece que o singular pode ser tomado de forma isolada, mas isso ocorre somente quando se tem o objetivo de uma mera identificação e reconhecimento da realidade, mas não significa conhecimento, no sentido filosófico e científico. Para esclarecer isso, afirma:

A aproximação dialética no conhecimento da singularidade não pode ocorrer separadamente das suas múltiplas relações com a particularidade e com a universalidade. Estas já estão, *em si*, contidas no dado imediatamente sensível de cada singular, e a realidade e a essência deste só pode ser exatamente compreendida quando estas mediações (as relativas particularidades e universalidades) ocultas na imediaticidade são postas à luz. (LUKÁCS, 1978, p. 106).

Com essa explicação, o papel do sujeito, no processo de produção do conhecimento, implica partir do dado sensível, apreendido na realidade mais imediata, aparente, e buscar os aspectos mais universais que caracterizam essa realidade. Todavia, isso somente é possível se ocorrer, na visão de Lukács (1978, p. 111), uma

[...] conversão dialética recíproca das determinações e dos membros intermediários que têm função mediadora, sem esta união dos próprios pólos, tão rica de contradições, não pode existir uma autêntica e verdadeira aproximação à compreensão adequada da realidade, nenhuma ação guiada corretamente pela teoria. Daí decorre, igualmente, a relação dialética entre teoria e prática.

Nesse excerto, o autor indica a importância da conexão entre singular, particular e universal para o desenvolvimento de uma ciência autêntica, assim como de uma direção teórica adequada da prática humana. Na vida cotidiana, é recorrente a realização de operações mentais em que o particular se confunde com o singular e o universal, sendo comum o fato de a singularidade ser tomada como sinônimo de particularidade. Lukács (1978, p. 110) alerta para o fato de que, “[...] na construção conceitual científica e filosófica, os extremos são desenvolvidos antes do que os meios mediadores.”

A partir desse entendimento, “o movimento do singular ao universal e vice-versa é sempre mediatizado pelo particular; ele é um membro intermediário real, tanto na realidade objetiva quanto no pensamento que a reflete de um modo aproximativamente adequado.” (LUKÁCS, 1978, p. 112).

O meio mediador, ou seja, a categoria da particularidade, não pode ser entendida, portanto, como uma mera ligação entre o universal e o singular; na sua relação com o singular, representa uma universalidade relativa, e, na sua relação com o universal, uma singularidade relativa. Trata-se de um processo em que a relatividade posicional da particularidade não é, de modo algum, estática.

A operação mecanicista com os extremos – singularidade e universalidade – elimina a categoria da particularidade e deforma o conhecimento da realidade, do ponto de vista de sua peculiaridade histórica. Lukács concorda com a análise de Hegel de que a posição da particularidade está vinculada com o ato de determinar, pois, na visão deste autor, a particularidade é uma generalidade determinada. (LUKÁCS, 1967). Nessa direção, Lukács explicita que

la particularidad no es meramente una generalidad relativa, ni tampoco sólo un camino que lleva de la singularidad a la generalidad (y viceversa), sino la mediación necesaria – producida por la esencia de la realidad objetiva e impuesta por ella al pensamiento – entre la singularidad y la generalidad. (LUKÁCS, 1967, p. 202).

O caminho do conhecimento seria, portanto, uma ininterrupta oscilação para cima e para baixo da singularidade à generalidade e desta para aquela. Lukács (1967, p. 208) destaca que “Marx ha descrito bien ese camino arriba y abajo en la forma de exposición del método de la economía política, a diferencia de muchas metodologías que hacen, por ejemplo, de la inducción y la deducción, etc., contrapuestos rígidamente exclusivos.”

É nesse sentido que, na perspectiva materialista histórico-dialética, o ponto de partida do conhecimento é o real. No entanto, ele se apresenta de forma concreta, em sua imediaticidade, como algo abstrato, desse modo, é necessário captar as determinações que o configuram por um processo de abstração, de análises, que promovam uma síntese, ou seja, a elaboração de conceitos, de categorias. A partir desse ponto, é “[...] necessário caminhar em sentido contrário [...] que não seria, desta vez, a representação caótica de um todo, mas uma rica totalidade de determinações e relações numerosas.” (MARX, 2003, p. 247). Nesse movimento de produção de conhecimento, não caberia, portanto, a rigidez dos métodos que operam, exclusivamente, com a indução ou a dedução.

Na *Ontologia*, Lukács (2012, p. 368-369) também alerta sobre análises mecanicistas, que não estão em conformidade com o método de Marx:

[...] no caminho de cima para baixo, corre-se o risco de superestimar mecanicamente a validade das leis gerais e, aplicando-as de maneira muito direta, de violentar os fatos; no caminho de baixo para cima, por sua vez, corre-se o perigo de cair num praticismo privado de conceito, de não ver quanto a própria vida cotidiana dos homens singulares deriva da ação direta e indireta de leis gerais.

Nessa perspectiva, não é suficiente ter uma compreensão genérica da estrutura do ser social, já que Marx destacou a importância das abstrações, generalizações no processo cognitivo, mas também enfatizou a necessidade da especificação dos complexos e das conexões concretas. Por isso, a compreensão do ser-propriadamente- assim de um complexo fenomênico pressupõe considerar as legalidades gerais que o condicionam, assim como as suas tendências particulares de desenvolvimento (atuação das legalidades gerais em determinadas situações concretas). (LUKÁCS, 2012).

Sendo assim, as análises de Lukács são um *tertium datur* em relação ao racionalismo e ao empirismo. Busca-se, portanto, superar a fetichização empirista, que apaga as contradições mais profundas do ser-propriadamente- assim e seu vínculo com as legalidades fundamentais, assim como a fetichização da razão. Esta, segundo Lukács (2012, p. 370), tem

[...] o perigo de ligar de modo demasiadamente direto o decurso histórico ao conceito (e a um conceito deformado pela abstração) e, por isso, não só de negligenciar o ser-propriadamente- assim de fases e etapas importantes, mas também, ao hiper-racionalizar o processo global, de atribuir-lhe uma linearidade hiperdeterminada, pelo que é possível que esse processo venha a adquirir um caráter fatalista e até mesmo teleológico.

Nesse sentido, não há uma rigidez nos limites da categoria da particularidade como campo das mediações; e, foi somente com o desenvolvimento da perspectiva materialista dialética que houve a possibilidade de se explicitar adequadamente a sua natureza. Sobre isso, Lukács (1967, p. 211-212) elucida que

[...] la generalidad y la singularidad se concentran cada una en su punto final, la particularidad es una tierra central, un campo de mediaciones entre aquéllas, cuyos límites en ambas direcciones son siempre imprecisos y a veces se hacen imperceptibles. Por eso para la consciencia cotidiana, aunque

cobre expresión filosófica, la categoría particularidad tiene contornos mucho menos precisos y un núcleo mucho menos claramente dibujado que la generalidad o la singularidad.

Há que se destacar, no entanto, que o conhecimento científico, a criação artística e a estética foram se diferenciando no desenvolvimento da humanidade, levando a uma especialização de cada campo. Em que pese essa diferenciação, eles refletem a mesma realidade objetiva, mas o papel de cada um é diferente para o gênero humano. Lukács (1967, p. 272) afirma “[...] que la reproducción científica y la reproducción estética de la realidad son reproducciones de la misma realidad objetiva, y que, por tanto, pese a todas las necesarias modificaciones, las estructuras básicas de ambas tienen que corresponderse de un modo u otro.”

Em Lukács (1967; 1978), encontramos a explicação de como a categoria da particularidade se apresenta de modo diferenciado no conhecimento teórico e no reflexo estético, pois:

[...] enquanto no conhecimento teórico este movimento de dupla direção vai realmente de um extremo a outro, tendo o termo intermediário, a particularidade, uma função mediadora em ambos os casos, no reflexo estético o termo intermediário torna-se literalmente o ponto do meio, o ponto de recolhimento para o qual os movimentos convergem. Neste caso, portanto, existe um movimento da particularidade à universalidade (e vice-versa), bem como da particularidade à singularidade (e ainda vice-versa), e em ambos os casos o movimento para a particularidade é o conclusivo. (LUKÁCS, 1978, p. 161).

Fica evidenciado que, no reflexo estético, na perspectiva materialista histórico-dialética, a singularidade e a universalidade são superadas na particularidade. Em outras concepções, todavia, a criação artística pode acentuar excessivamente a singularidade ou a universalidade. A diferença do reflexo estético em relação ao científico se deve ao fato de que a criação artística continua tendo uma validade mesmo que seus elementos estruturais, formais e técnicos, tenham sido superados no curso da história. Essa

generalização estética (particularidade) não pode ser confundida com a universalidade científica ou filosófica. No reflexo científico, o particular se situa no campo de mediações, enquanto que no reflexo estético, ele é o ponto central organizador. (LUKÁCS, 1978). Por isso, entendemos que é importante esclarecer essa diferenciação, embora o nosso foco, neste texto, seja o de analisar o reflexo científico.

Lukács (1978, p. 182) explicita que

a forma científica é tão mais elevada quanto mais adequado for o reflexo da realidade objetiva que ela oferecer, quanto mais ela for universal e compreensiva, quanto mais ela superar, quanto mais ela voltar as costas para a imediata forma fenomênica sensivelmente humana da realidade, tal como se apresenta cotidianamente.

É por isso que o conhecimento científico busca a generalização, em que a forma universal supera as formas singulares e particulares, no entanto, não se trata de universalidade abstrata, mas sim “[...] a concreticidade da máxima universalidade, do máximo afastamento – formal – das formas do mundo da evidência imediata.” (LUKÁCS, 1978, p. 183).

Nesse sentido, mesmo que a investigação se dirija a um caso singular, somente trará resultados científicos se for estabelecida a relação com a universalidade e as particularidades intermediárias. Isso porque a singularidade não pode se separar da aparência, e, como o conhecimento se orienta para a essência, há a necessidade de generalização. Trata-se, portanto, de captar a lógica específica de um objeto específico, em que a particularidade fornece as determinações e mediações para impedir que a generalização se torne uma abstração, que se distancia demasiadamente da singularidade do fenômeno. Do mesmo modo, deve ocorrer a adequada generalização pela subsunção concreta da singularidade, pela mediação da particularidade. (LUKÁCS, 1967).

No caso do reflexo estético, ocorre “[...] a superação tanto do singular quanto do universal na particularidade [...].” (LUKÁCS, 1978, p. 217), é por isso que a arte se revela mais próxima da vida do que a ciência.

Em síntese, no reflexo estético,

[...] toda singularidade, bem como toda universalidade, é superada na particularidade. Do ponto de vista do conteúdo, isto significa que a singularidade perde seu caráter fugidio, meramente superficial, casual, mas que toda singularidade não só conserva, como intensifica, sua forma fenomênica isolada, que sua imediaticidade sensível transforma-se numa sensibilidade imediatamente significativa, que sua aparência autônoma também se reforça em sua sensibilidade imediata, mas ao mesmo [sic] é unida às outras singularidades por uma indissolúvel conexão espiritual-sensível. A universalidade, por sua vez, perde sua imediaticidade conceitual. Ela aparece como potência, que se expressa em homens singulares como concepção do mundo que determina suas ações, em suas relações, que refletem suas conexões sociais, como força objetiva das condições histórico-sociais: do ponto de vista conceitual, portanto, ela se expressa indiretamente [...]. (LUKÁCS, 1978, p. 255).

Na forma artística, portanto, todo fenômeno da vida é apreendido indiretamente, o que a diferencia do conteúdo do pensamento que é apreendido na experiência imediata. No caso da proposição científica, esta pode ser refutada, corrigida, mas isso não é possível na obra de arte porque o seu propósito é captar a totalidade intensiva do que é reproduzido, assim, ela surge da realidade objetiva, mas se distingue dela. É nesse sentido que

[...] a particularidade como categoria específica do campo estético é, negativamente, a renúncia a reproduzir a totalidade extensiva da realidade; e, positivamente, a representação de uma ‘parte’ da realidade, representação que – reproduzindo a sua totalidade intensiva e a direção do seu movimento – clarifica a realidade através de um determinado e essencial ponto de vista. (LUKÁCS, 1978, p. 267).

No caso do reflexo científico da realidade, deve ocorrer uma dissolução da “[...] ligação imediata entre fenômeno e essência a fim de poder expressar

teoricamente a essência, inclusive as leis que regulam a conexão entre essência e fenômeno.” (LUKÁCS, 1978, p. 220). Isso significa a necessidade de um alargamento e aprofundamento (ampliação intensiva e extensiva) da consciência sobre a natureza, os homens e a sociedade, num processo contínuo, visando, especialmente, a reprodução da totalidade extensiva da realidade.

Seguindo a perspectiva de Lukács (1978), podemos considerar que, no desenvolvimento da humanidade, a ciência tem como função o desenvolvimento da consciência, enquanto a arte tem como foco a autoconsciência. Para o autor (1967, p. 240), “[...] el fundamento de la referencialidad que sostiene la totalidad intensiva de la obra de arte no es ni general ni singular, sino concretamente determinado, o sea, particular.”

No caso do conhecimento científico, a totalidade, intensiva e extensiva, é considerada no sentido de se garantir uma apreensão profunda do ser em sua complexidade imediata, assim como em sua universalidade, sem perder de vista a sua gênese, consolidação e desenvolvimento na processualidade histórica. Isso quer dizer que é necessário tomar a multilateralidade intensiva e concreta da singularidade no contexto do complexo social (homem singular-gênero humano; subjetividade-objetividade; indivíduo-sociedade).

Na medida em que o pôr teleológico do trabalho promoveu o salto ontológico do ser biológico para o ser social<sup>8</sup>, o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades se generalizou para o conjunto da sociedade, o que permitiu que, ao longo da história da humanidade, o conhecimento científico possibilitasse a intervenção cada vez mais consciente do homem sobre a natureza e a organização da sociedade.

Essa concepção genético-histórica contribuiu, portanto, para a compreensão de que “as modificações nos processos causais objetivos só podem sofrer uma tal mudança de seu caráter pela mediação ativa dos

---

<sup>8</sup> Para maior aprofundamento dessa discussão, sugerimos o capítulo *O trabalho*, da obra *Para uma ontologia do ser social II*. (LUKÁCS, 2013).

sujeitos que põem o momento teleológico, e não como resultados imediatos de processos espontaneamente eficazes, como na natureza.” (LUKÁCS, 2010, p. 349).

Nessa direção, o homem é concebido como sujeito histórico, superando a perspectiva idealista de que a história teria uma teleologia. Desse modo, o conhecimento científico é fundamental tanto para a posição teleológica primária do trabalho, quanto para as posições teleológicas secundárias das práxis sociais. Isso requer, contudo, o entendimento de que a ação humana transforma a realidade de acordo com as suas condições objetivas, e sua adequada compreensão possibilita maiores condições para a realização do pôr teleológico.

Assim, a experiência imediata e intensiva é a essência do comportamento estético, por isso, a particularidade é ponto de partida e chegada, seja na direção da universalidade ou na direção da individualidade. Entretanto, tal ponto médio não pode ser definido de forma precisa, principalmente pelo fato de existir uma maior autonomia da personalidade criativa, já que a estética não possui um caráter normativo, explicando, portanto, o pluralismo das artes.

No caso do conhecimento científico, observamos que a particularidade é a mediação entre a universalidade e a individualidade, ou seja, a totalidade extensiva e a totalidade intensiva são fundamentais no processo de produção científica.

Destacamos, a partir do que foi possível apresentar neste texto, que as análises de Lukács, para uma ontologia materialista que considera a realidade do ponto de vista da historicidade, processualidade e contraditoriedade dialética, contribuem nos mais diversos campos do conhecimento humano, principalmente sobre a questão da totalidade do complexo ser social. A originalidade da dialética lukasiana, a amplitude e a riqueza de sua produção intelectual possibilitam que novas análises possam se desenvolver na contemporaneidade.

## Considerações finais

Neste artigo, buscamos analisar as contribuições de György Lukács sobre a categoria da particularidade como mediação entre a universalidade e a singularidade, no processo de produção do conhecimento.

Nas obras *Introdução a uma estética marxista* e *Estética*, Lukács explicita que a teoria científica e a teoria estética têm o mesmo referente objetivo, representando, ao mesmo tempo, uma relação de unidade e distinção. Isso se explica porque ambas refletem a mesma realidade objetiva, mas o papel de cada uma é diferente para o gênero humano. O reflexo científico tem como função o desenvolvimento da consciência, enquanto a arte tem como objetivo a autoconsciência, em que o homem se reconhece como criador de sua existência.

Assim a universalidade, a particularidade e a singularidade são categorias que expressam a estrutura do em-si da realidade, são, portanto, categorias lógicas que possuem uma gênese ontológica. O tratamento dado a elas, seja no campo da arte, ou da ciência, pelo marxismo, contribui para a superação de perspectivas analíticas que supervalorizam ou subestimam a singularidade e a universalidade, assim como daquelas que estabelecem relações mecanicistas, sem as necessárias mediações.

Apesar de que as mudanças históricas podem fazer com que relutemos em aceitar determinadas análises de Lukács, destacamos a validade metodológica de sua monumental obra, no sentido de refutar as várias tendências que desconsideram a materialidade do ser social, sua historicidade e as relações dialéticas entre singularidade-particularidade-universalidade na produção do conhecimento.

## Referências

HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica**: 2. A doutrina da essência. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017.

KANT, I. **Crítica da faculdade de julgar**. São Paulo: Ícone, 2009.

LUKÁCS, G. La categoría de la particularidad. In: \_\_\_\_\_. **Estética**: La peculiaridad de lo estético. Barcelona; México: Grijalbo, 1967. 3 v. p. 199- 275.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. **Pensamento vivido**: autobiografia em diálogo – Entrevista a István Eörsi e Ersébet Vezér. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem; Viçosa, MG: UFV, 1999.

\_\_\_\_\_. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MÉSZÁROS, I. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2013.

OLDRINI, G. **György Lukács e os problemas do marxismo do século 20**. Maceió: Coletivo Veredas, 2017.

NETTO, J. P. Apresentação. In: LUKÁCS, G. **Para um ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

TERTULIAN, N. **Georg Lukács**: etapas de seu pensamento estético. São Paulo: Unesp, 2008.